

O poleiro não é democracia – Por Pedro Barros

written by Pedro Barros | 2 de Outubro, 2025



Sempre ouvi dizer que a política local é a mais nobre das políticas.

Por estar próxima das pessoas, por lidar com os problemas concretos,

por ser menos abstrata e distante do que a que se decide em Lisboa. Em

teoria, faz sentido: o município é a casa do cidadão, a primeira

linha da democracia. Mas na prática, essa promessa tem sido traída por

uma tentação demasiado antiga: a do poleiro.

Todos conhecemos exemplos de autarcas que se eternizam, convencidos de

que a câmara municipal é extensão da sua biografia pessoal. O

cargo,
que deveria ser um serviço temporário, transforma-se em
carreira
vitalícia. E o município, que deveria ser instituição pública,
acaba muitas vezes convertido em palco de autopromoção, numa
rotina de
inaugurações, festas e discursos que escondem a opacidade das
contas e
das decisões.

A questão é estrutural, não apenas individual. Criámos um
sistema
onde os mesmos partidos monopolizam o espaço, onde as redes
clientelares garantem votos e onde a alternância é quase
sempre mais
exceção do que regra. A democracia local, que devia ser escola
de
cidadania, cai assim no risco de degenerar em mera gestão de
influências. E quando isso acontece, instala-se o pior inimigo
da
democracia: a indiferença. Um cidadão que olha para a sua
autarquia e
pensa “são todos iguais” deixa de exigir, deixa de participar,
resigna-se.

Um autarca forte não é o que governa décadas a fio, nem o que
corta
fitas de manhã à noite. É o que tem coragem de governar com
transparência, de abrir processos à luz do dia, de assumir
decisões
que não rendem votos, mas resolvem problemas. Força é clareza,
não
caciquismo. Legitimidade é transparência, não marketing de
ocasião.

Hannah Arendt lembrava que a política só existe na
pluralidade. Mas a
realidade de muitas autarquias portuguesas é o contrário

disso:

monopólio de siglas, rostos que se repetem, dinastias locais que se apresentam como inevitáveis. Este fechamento empobrece a democracia e reduz o cidadão a espectador cínico, incapaz de acreditar na mudança.

O poder local precisa de líderes que não confundam cargos com propriedade privada. Que compreendam que entrar e sair faz parte da saúde democrática. Que vejam o município não como pedestal, mas como missão transitória. Só assim o poder local poderá cumprir aquilo para que existe: servir os cidadãos, e não servir-se deles.